

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | COMUNIDADE
QUATRO VISITAS DE OTAR IOSELIANI
16 e 23 de fevereiro de 2024

PASTORALI / 1976

(*Pastoral*)

um filme de Otar Iosseliani

Realização: Otar Iosseliani / Argumento: Otar Iosseliani, Rezo Inanishvili e Otar Mekhrishvili / Direcção de Fotografia: Abesalom Maisuradze / Direcção Artística: Vakhtang Rurua / Música: Temur Bakuradze / Som: Ekaterina Popota / Montagem: Giulia Bezuachvili / Interpretação: Rezo Charkhalashvili, Lia Tokhadze-Giugheli, Marina Kartsivadze, Tâmara Gabarashvili, Nana Iosseliani, Leri Zardiashvili, Nestor Pipia, Xenia Pipia, Mikhail Naneishvili, Nukri Davitachvili, Pavié Kantaria, Baya Matsaberidze, etc.

Produção: Gruzija Film – Kartuli Film / Cópia: dcp, preto e branco, falada em georgiano com legendas em inglês e legendagem electrónica em português, 98 minutos / Estreia em Portugal: Quarteto, a 28 de Maio de 1985.

Vamos ver nesta sessão a terceira longa-metragem de Otar Iosseliani, o belíssimo **Pastorali**. Realizado em 1976, esteve “congelado” pelas autoridades soviéticas durante vários anos, como acontecera quer com **Giorgobistve** (“Folhas Caídas”) quer com **Ikho Shashvi Mgalobeli** (“Era uma vez um Melro Cantor”), os dois primeiros, e igualmente notáveis, filmes de longa-metragem do autor. Mas desta vez Iosseliani achou que já chegava, e **Pastorali** acabou por ser o seu último filme soviético – a partir daqui o georgiano passou a filmar em França.

Em **Pastorali** o “método Iosseliani” surge-nos perfeitamente desenvolvido. Quer **Giorgobistve** quer **Ikho Shashvi Mgalobeli** são filmes magníficos, mas de algum modo **Pastorali** aparece como o culminar das experiências e dos procedimentos que neles Iosseliani foi ensaiando e aplicando. A questão da “polifonia”, por exemplo. As “velhas canções georgianas” (título de uma lindíssima curta-metragem de Iosseliani) não são apenas uma presença na banda sonora, são também o “modelo” para a própria organização narrativa e um princípio orientador da montagem. Narrativamente, mais do que um filme “coral”, **Pastorali** é um filme “polifónico” – na medida em que não há apenas um “coro” mas uma verdadeira multiplicação das “vozes”, e em que o equilíbrio (delicadíssimo) do filme provém da sua articulação. O tratamento das personagens, por exemplo: Iosseliani segue mais umas do que outras, mas não se pode dizer que haja “vozes” que sejam *sempre* mais importantes do que outras. Como, de modo evidente, nos filmes posteriores do cineasta, as entradas e saídas das personagens obedecem a uma espécie de orquestração, a um desfile de diferentes vozes onde o efeito de conjunto é o essencial, e onde todas são igualmente importantes independentemente da sua preponderância narrativa.

Notar-se-á, nesta história de um grupo de músicos (um quarteto clássico) que chega a um kholkhoze para ensaiar em paz e sossego, que a própria música serve de instrumento narrativo – o que, de certa maneira, representa apenas uma adequação entre os ingredientes e o objectivo a perseguir. Poder-se-ia defender isto em relação a todos ou quase todos os filmes de Iosseliani, mas **Pastorali** é aquele a que, mais evidentemente, se pode chamar um “musical”.

Um musical de tipo “etnográfico”, como o filme das “**Velhas Canções Georgianas**”? Não forçosamente, embora (1) nessa curta-metragem se possam encontrar muitas chaves para a obra do georgiano e (2) **Pastorali** possua efectivamente uma dimensão de registo “etnográfico” (toda a abertura, a descrição da aldeia antes da chegada dos músicos) que de resto não é inédita nem excepcional na filmografia de Iosseliani. O realizador georgiano gosta pouco de palavras nos seus filmes, e serve-se muito da música para as substituir, assim como vê nela o veículo ideal para transportar “ideias”. E a “ideia” central de **Pastorali** – a coexistência de dois mundos, o mundo rural e o mundo urbano representado pelos músicos – passa muito pela música, sugerida pelo classicismo erudito das peças tocadas pelo quarteto e pela raiz popular e folclórica do resto da música do filme. É uma oposição – e uma atracção – que se processa sempre subtilmente, sem sublinhados. Mas, e isto é o mais melancólico de **Pastorali**, mesmo a música não explica “tudo”, e ainda menos pode ser “tudo”. Naquele belíssimo plano da rapariga que põe a tocar o disco deixado pelo quarteto exprime-se, sem palavras de qualquer espécie, um sentimento sumamente iosselianiano: a espécie de nostalgia por uma outra vida, eventualmente noutra lugar, com outras pessoas. Não exageraremos muito se dissermos que ainda hoje (os seus filmes do século XXI, de **Lundi Matin** a **Chantrapas**) é essa nostalgia que Iosseliani continua a filmar.

Luís Miguel Oliveira